

## O fascismo como conceito genérico: os cinco estágios de Robert Paxton

*Fascism as a generic concept: the five stages of Robert Paxton*  
*El fascismo como concepto genérico: las cinco etapas de Robert Paxton*

*Sergio Schargel*<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma discussão sobre o fascismo como conceito genérico, o entendendo como a manifestação simultânea de quatro outros conceitos, a saber, reacionarismo, populismo, autoritarismo e nacionalismo. Privilegia-se a análise do politólogo Robert Paxton, trabalhando uma noção do fascismo como processo inerente à política de massas contemporânea, uma versão degenerada da democracia de massas, e que responderia por cinco estágios que vão desde seu surgimento até sua radicalização ou entropia. A partir dessa análise, será possível elucidar algumas de suas principais características e utilizar a chave de Paxton para apreender fascismos contemporâneos. Aprofundando a hipótese de que o fascismo não morreu em 1945, é pertinente por permitir ampliar o estado da arte ao analisar algumas de suas principais idiosincrasias e sua ameaça à democracia agonística.

**Palavras-chave:** Teoria política. Fascismo. Robert Paxton.

**Abstract:** This article proposes a discussion on fascism as a generic concept, understanding it as the simultaneous manifestation of four other concepts: reactionarism, populism, authoritarianism and nationalism. It privileges the analysis of the political scientist Robert Paxton, working on a notion of fascism as a process inherent to contemporary mass politics, a degenerate version of mass democracy, in a process that would respond to five stages ranging from its emergence to its radicalization or entropy. From this analysis, it will be possible to elucidate some of its main characteristics and use Paxton's key to apprehend contemporary fascisms. Deepening the hypothesis that fascism did not die in 1945, is pertinent because it allows the expansion of the state of the art by analyzing some of its main idiosyncrasies and its threat to agonistic democracy.

**Keywords:** Political theory. Fascism. Robert Paxton.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência Política pela UFF. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021, que se transformou no livro *O fascismo infinito, no real e na ficção*. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, extrema-direita, judaísmo, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau. Contato: [sergioschargel\\_maia@hotmail.com](mailto:sergioschargel_maia@hotmail.com) / [sergioschargel@gmail.com](mailto:sergioschargel@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>.

**Resumen:** Este artículo propone una discusión sobre el fascismo como concepto genérico, entendiéndolo como la manifestación simultánea de otros cuatro conceptos, a saber, el reaccionario, el populismo, el autoritarismo y el nacionalismo. Se privilegia el análisis del politólogo Robert Paxton, que trabaja sobre una noción del fascismo como proceso inherente a la política de masas contemporánea, una versión degenerada de la democracia de masas, que daría cuenta de cinco etapas que van desde su surgimiento hasta su radicalización o entropía. A partir de este análisis será posible dilucidar algunas de sus principales características y utilizar la clave de Paxton para aprehender los fascismos contemporáneos. Profundizar en la hipótesis de que el fascismo no murió en 1945 es relevante porque permite ampliar el estado del arte analizando algunas de sus principales idiosincrasias y su amenaza a la democracia agonista.

**Palabras clave:** Teoría política. Fascismo. Robert Paxton.

\*\*\*

### Da interpretação psicanalítica do fascismo

*“O espírito sou que sempre nega! / E com razão: pois tudo quanto nasce / De extermínio total somente é digno; / Pelo que, nada haver melhor seria”.<sup>2</sup>*

Com 100 anos de historiografia e fortuna crítica, há diversas correntes interpretativas sobre o fascismo, seja como conceito, seja como o movimento de Mussolini. Algumas são contraditórias entre si, mas outras se contaminam, possuem pontos de consenso. Entre as principais correntes que se opõe, vale chamar a atenção para duas em particular: fascismo hermético e fascismo maleável. A segunda será privilegiada neste trabalho, mas tendo em mente inúmeras outras correntes interpretativas, como a marxista, a liberal, a psicanalítica, entre outras.

É preciso ressaltar que essas correntes interpretativas não são necessariamente excludentes entre si. A visão do fascismo hermético, por exemplo, pode ser absorvida pela visão marxista ou liberal. São apenas destaques sobre aspectos mais relevantes dessas propostas. Da mesma forma, a visão psicanalítica sobre o fascismo, cujo nome de maior relevância é o psicanalista austríaco Wilhelm Reich<sup>3</sup>, pode ser absorvida pelas outras. Entretanto, é pertinente distingui-la das demais por duas razões: sua proeminência, em

<sup>2</sup> GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Fausto**. Tradução de Agostinho D’Ornellas. São Paulo: Martin Claret, 2011. p. 64.

<sup>3</sup> REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

particular por atribuir uma visão humanizada para o fascista, e sua análise ampliada para outros campos para além da política, compreendendo a importância do estudo psicanalítico à compreensão de um movimento de massas como o fascismo.

Para entender a escola psicanalítica é preciso, antes de tudo, lançar mão dos conceitos de massa, homem-massa e ressentimento melancólico, os quais Sigmund Freud<sup>4</sup>, José Ortega y Gasset<sup>5</sup> e Rob Riemen<sup>6</sup> fornecem insumos necessários. Ainda que Freud não tenha sido o criador da noção de psicologia das massas, seus escritos sobre o tópico, datados do início da década de 20 — portanto, do início do fascismo — criaram um paradigma interpretativo do qual Reich, outrora seu colaborador, iria beber diretamente.

Em resumo, em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud argumenta, retomando Gustave Le Bon, que a formação de massas bestializa o homem, faz aflorar o seu inconsciente e a sua violência reprimida. Em outras palavras, desaparece a coleira da civilização e o humano retorna, ainda que temporariamente, ao estado de natureza hobbesiano: “na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes”<sup>7</sup> Ante a visão de Freud, a massa impõe o que há de mais animalesco no ser humano, em oposição ao racionalismo das relações sociais modernas. Assim, “quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos: deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa”<sup>8</sup>. Em outras palavras, a massa é material útil para a atuação de um profeta exemplar, na noção de Max Weber<sup>9</sup>, impor a dominação carismática sobre aqueles que desejam a dominação.

Mas o que Ortega y Gasset percebeu, e que Rob Riemen trouxe para um contexto contemporâneo, é que a massa não se faz massa apenas quando reunida sob um largo agrupamento de indivíduos. Ao contrário, a massa é um processo de potencializar exponencialmente o vazio da racionalidade. Embora irracional, a massificação surge, paradoxalmente, da condição humana de se saber humano e, portanto, mortal. Do vazio individual, da frustração com a violência da vida. O homem-massa não é além da extensão

---

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>5</sup> GASSET, José Ortega y. **A rebelião das massas**. São Paulo: Linográfica Editora LTDA., 1962.

<sup>6</sup> RIEMEN, Rob. **O eterno retorno do Fascismo**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2012.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 21.

<sup>8</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 27.

<sup>9</sup> WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2015.

desse processo de vazio. O homem-massa contemporâneo não está mais limitado apenas a aglomerações, ele se manifesta onipresente em todas as esferas e tempos.

Como dito, Reich<sup>10</sup> retoma parte da argumentação de Freud ao sugerir que, no plano pessoal, o homem-massa pode possuir qualidades extraordinárias. Mas o fascismo retira essa coleira civilizacional para explorar seus instintos mais básicos: “ao cair a máscara das boas maneiras, o que primeiro surge não é a sociabilidade natural, mas sim o nível de caráter perverso-sádico”<sup>11</sup>. Uma noção que corrobora com as ideias de Hannah Arendt<sup>12</sup> sobre Eichmann. O ponto forte da interpretação psicanalítica do fascismo é sua atenção dada menos ao plano político, a instituições, partidos e líderes, e mais ao indivíduo absorvido pela seita fascista. Mostrar que o fascista não é um homem enorme cheio de cicatrizes ou um zumbi grotesco, como *Hollywood* com frequência retrata, mas o que há de mais humano, a mesquinhez, o ressentimento e o medo elevado à política. Como traz Ivan Krastev corroborando com as ideias de *Personalidade autoritária*, os fascistas são indivíduos propensos ao autoritarismo excitam o seu traço psicológico quando se percebem em ameaça<sup>13</sup>. Não é por coincidência, portanto, que políticos reacionários de base de massas, como fascistas, lancem mão do medo da destruição por parte de seu séquito.

Em *Eichmann em Jerusalém*, Arendt buscou mostrar, através do personagem-título, funcionário nazista que havia fugido à Argentina após a Guerra e fora capturado e julgado em Israel, como o nazifascismo era formado por sentimentos tipicamente humanos, como ressentimento, apatia, individualismo e melancolia. Isso ajuda a afastar a problemática visão de que as massas foram hipnotizadas, uma ideia que isenta o povo alemão do Holocausto. Como se Hitler fosse o único culpado, um hipnotizador, como se não soubessem o que acontecia. Mesmo no pós-guerra, Arendt fala da persistência da sensação de indiferença:

“A atitude do povo alemão quanto a seu próprio passado, sobre a qual os especialistas na questão alemã haviam se debruçado durante quinze anos, não poderia ter sido demonstrada com mais clareza: as pessoas não se importavam com o rumo dos acontecimentos e não se incomodavam com a presença de assassinos à solta no país, uma vez que nenhuma delas iria cometer assassinato por sua própria vontade; no entanto, se a opinião pública mundial — ou melhor, aquilo que os alemães chamavam das Auland, reunindo todos os países estrangeiros num único

---

<sup>10</sup> REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XV.

<sup>11</sup> REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XVI.

<sup>12</sup> ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>13</sup> GEISELBERGER, Heinrich (org.). **A grande regressão**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019. p. 126.

substantivo — teimava e exigia que aqueles indivíduos fossem punidos, estavam inteiramente dispostas a agir, pelo menos até certo ponto.”<sup>14</sup>

A interpretação de autores como Arendt, Reich, Riemen e outros, acerta ao humanizar o nazifascista. Seja Arendt com seu estudo sobre um dos burocratas do *Reich*, seja os outros com o foco sobre o eleitor comum, eles mostram que o nazifascismo não foi/é um movimento atípico, descolado da realidade, mas o extremo de sentimentos típicos como ressentimento e medo. Em suma, rechaçam a associação desses movimentos com figuras monstruosas, o que em última instância acaba por dificultar na interpretação de semelhantes contemporâneos. Afinal, se o nazifascista do passado é pintado como um monstro, uma criatura quase mitológica, então o do presente, por não se enquadrar nessa moldura, acaba por ser tomado de forma leviana.

Como lembra Arendt, frustrou a acusação no caso de Eichmann descobrir que o personagem não era o “sádico pervertido”<sup>15</sup> que imaginaram, mas alguém comum, o que Reich chama de “Zé ninguém”<sup>16</sup>. A opinião pública já dera o veredicto antes do julgamento, Eichmann e os nazistas eram considerados criaturas grotescas e monstruosas. Mas muito mais inquietante foi perceber que não havia nada de anormal em Eichmann e em seus companheiros, que eram “terrível e assustadoramente normais”<sup>17</sup>. Homens normais, capazes de uma violência extrema quando estimulados, fosse por indiferença, cumplicidade, ou arrivismo.

Nesse sentido, chama atenção também quando Reich<sup>18</sup> destaca o liberalismo, ao menos o liberalismo clássico, como uma espécie de cárcere privado dos instintos mais básicos do ser humano. Uma forma de repressão ideológica que acredita que, em última instância, a razão — e, portanto, a maior idiossincrasia do homem — será capaz de conter todos seus impulsos destrutivos. Não é sem propósito, assim, que autores como Riemen<sup>19</sup> e Mark Bray<sup>20</sup> percebiam o fascismo justamente como um paroxismo característico da democracia liberal de massas. De fato, se for possível pensar na gênese do fascismo com o reacionarismo maistreano e nacionalismo gestados no seguinte à Revolução Francesa, em paralelo, portanto,

<sup>14</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 27.

<sup>15</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 299.

<sup>16</sup> REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 15.

<sup>17</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 299.

<sup>18</sup> REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 15.

<sup>19</sup> RIEMEN, Rob. *O eterno retorno do Fascismo*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2012.

<sup>20</sup> BRAY, Mark. *Antifa: o manual antifascista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

ao iluminismo<sup>21</sup>, corrobora-se com essa visão do fascismo como *doppelgänger*<sup>22</sup> da democracia. Ainda mais se ele for visto ante a lente da história: fascistas como Mussolini e Hitler, assim como outros tantos fascistas contemporâneos, chegaram ao poder democraticamente. Somente depois corroeram a democracia por dentro, utilizando-a para matar a si própria.

O indivíduo sente-se, portanto, cada vez mais distante da democracia, o que se reflete em altas taxas de rejeição ou indiferença quanto a ela. Se prolifera o medo, frustração e indiferença, ferramentas úteis para o trabalho do Messias fascista, o que casa novamente com a visão de Reich<sup>23</sup> ao afirmar que

o ‘fascismo’ é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida. É o caráter mecanicista e místico do homem moderno que cria os partidos fascistas, e não o contrário. O fascismo ainda hoje é considerado, devido a uma reflexão política errônea, como uma característica nacional específica dos alemães ou dos japoneses. [...] o fascismo é um fenômeno *internacional* que permeia todos os corpos da sociedade humana de *todas* as nações. [...] não existe um único indivíduo que não seja portador, na sua estrutura, de elementos do pensamento e do sentimento fascistas<sup>24</sup>.

Reich<sup>25</sup> sustenta, considerando a importância da massa para seus estudos, que a principal diferença do fascismo para o reacionarismo autoritário seria exclusivamente essa base. Apesar da simplificação, e de ignorar outras diferenças importantes como o nacionalismo, o inimigo objetivo e o belicismo, o argumento de Reich possui consonância

<sup>21</sup> Não é sem motivo que o movimento neoreacionário, vinculado à *alt-right* estadunidense, se auto-intitule *dark enlightenment*. Mussolini não procurava esconder que seu movimento era anti-iluminista, como quando afirmou que “o fascismo se imbuí do espírito destinado a superar e eliminar os princípios imortais do ano de 1789”. PACHUKANIS, Evguiéni. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 28.

<sup>22</sup> A imagem do fascismo como *doppelgänger* da democracia liberal de massas será retomada algumas vezes durante esse trabalho. Cabe, então, uma pequena explicação sobre o termo. Em resumo, o *doppelgänger* é um mito que reaparece em diversas estruturas narrativas, ainda que sob nomes diferentes: *kaa*, para os egípcios, *etiäinen*, para os finlandeses, *Vardøger*, para os demais nórdicos. Todas essas figuras convergem sobre a mesma estrutura narrativa: o duplo é uma figura que se desprende do ego, um alter ego, o outro eu, com a mesma aparência física, mas características psicológicas opostas. A sua manifestação é prenúncio de desastre e suas narrativas tendem a terminar em catástrofe. O folclore alemão, de onde o *doppelgänger* deriva diretamente (ainda que o nome só tenha sido cunhado no século XVIII), vai além: todo indivíduo vivo possuiria um *doppelgänger*, que deve ser evitado a qualquer custo, pois, se o ego encontrar o alter ego, a coexistência é impossível e um deve eliminar o outro. A imagem do *doppelgänger* foi apropriada pela literatura a partir de *William Wilson*, de Edgar Allan Poe e, posteriormente, penetrou na cultura e no imaginário popular, tornando-se tema de diversas obras. Nessa imagem alegórica, assim, o fascismo seria um duplo da democracia: o outro que se desprende do um, que surge desse uno, mas que rejeita tudo o que o seu originário defende. Ver: SCHARGEL, Sergio. O duplo como mito, o duplo como ficção: um debate acerca das construções da figura do *doppelgänger*. **Revista Decifrar**, v. 8, n. 15.

<sup>23</sup> REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XVII.

<sup>24</sup> REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XVII-XVIII.

<sup>25</sup> REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XVII.

com outros pensadores como Paxton no que tange o entendimento de que a base de massas é, talvez, a idiosincrasia mais inexorável do fascismo. Sem a base de massas, sem o poder absorvido do ressentimento do homem-massa, o fascismo não é mais do que um autoritarismo reacionário e nacionalista, os quais existem aos montes e remontam historicamente desde muito antes. Certamente este autoritarismo reacionário e nacionalista é o embrião do fascismo, como foi dito antes, mas ainda falta o motor da máquina. Essa é a principal razão pela qual o fascismo só foi surgir no início do século XX: como foi dito, sendo o *doppelgänger* da democracia de massas, sua versão degenerada, ele só pode existir quando a democracia é alargada para englobar além de uma meia dúzia de oligarcas. De onde se entende, também, o seu antielitismo. A partir do novo poder adquirido, a massa pode, enfim, questionar as oligarquias e o poder tradicional, amalgamando um sentimento de frustração, revolta e reacionarismo<sup>26</sup>. A tabela abaixo sintetiza os pontos-chave dessa corrente interpretativa:

**Tabela 1 – Resumo da interpretação psicanalítica do fascismo**

<p><i>Psicanalítica</i></p> <p>O fascismo é a epítome do ressentimento do homem-massa, inundado em frustrações pelas configurações liberais contemporâneas.</p>	<p>Aponta a importância das emoções e coloca foco sobre o aspecto diretamente humano do fascismo, não apenas institucional. Foca mais no indivíduo menor e menos no líder. Não contradiz as outras interpretações e é facilmente absorvida pelas demais.</p>	<p>Sozinho, é insuficiente para compreender o fenômeno. Oferece um ponto essencial, mas incompleto.</p>
---	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

### **A interpretação de Robert Paxton: as características mais notáveis do fascismo**

Embora não chegue a afirmar com essas palavras, é possível interpretar, ao longo da leitura de *Anatomia do fascismo*, especialmente quando a obra é colocada em diálogo com outras como *O Fascismo eterno*, de Umberto Eco, e *O eterno retorno do Fascismo*, de Rob Riemen, o fascismo como manifestação simultânea de três outros conceitos políticos: reacionarismo, autoritarismo e nacionalismo, somados a outras características que não são englobáveis nesses conceitos, como base de massas e messianismo. Certamente existem

<sup>26</sup> REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XVIII.

outras características, mas estas não foram identificadas ou foram consideradas “menores”, por vezes específicas de uma aparição pontual do fascismo. Por exemplo, como lembra Umberto Eco<sup>27</sup>, alguns intelectuais identificados com o Fascismo tinham idiossincrasias radicalmente distintas, como, por exemplo, Ezra Pound com o anticapitalismo extremo e Julius Evola com um enfoque místico; isso sem falar no Nazismo com o paganismo e a violenta ideologia racial.

A tabela a seguir tratará das principais características desses conceitos. Embora, obviamente, esses conceitos existam de forma independente e não necessariamente implicam em fascismo, sua manifestação simultânea é um forte indicativo. Eles próprios polissêmicos, como qualquer conceito, serão interpretados a partir de um recorte de alguns dos principais autores que os pensam. Como Roger Griffin<sup>28</sup> afirma, “O fascismo é um gênero de ideologia política cujo cerne mítico, em suas permutações, é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista”.

**Tabela 2 – Conceitos que integram o fascismo e suas características mais perceptíveis**

<i>Conceito</i>	<i>Descrição</i>	<i>Características</i>
<i>Reacionarismo</i>	O se coloca não como a tentativa de conservar valores, mas de reagir ao que entende como denegação social.	Desejo de retorno a um passado idealizado, porque a nação está em decadência e somente o Messias pode torná-la grande novamente. Pavor dessa decadência (PAXTON, 2007, p. 70). Reação (confundida pelo movimento fascista como revolução) a essa suposta degenerescência. Desumanização de inimigos objetivos e grupos minoritários, tomados como culpados pela decadência da nação. Paranoia e conspiracionismo, inimigos objetivos vistos como perpetradores, não como vítimas, apontados com forças políticas e econômicas muito superiores as que de fato

<sup>27</sup> ECO, Umberto. **O Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 43.

<sup>28</sup> GRIFFIN, Roger. **The nature of Fascism**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 26.



		possuem. Irracionalismo, oposição à racionalidade liberal ou Iluminista. Necessidade de uma crise (econômica, política) para impulsionar o desejo de retorno. Ressentimento melancólico.
<i>Autoritarismo</i>	Historicamente, o fascismo surge em democracias para devorá-las por dentro, lentamente, até não restar mais do que uma casca oca. O Nazismo, por exemplo, conforme Hannah Arendt <sup>29</sup> , manteve quase intacta a Constituição de Weimar, o que ajudou a conceder um verniz de normalidade democrática ao regime.	Censura, desumanização e perseguição de inimigos objetivos e grupos minoritários, perseguição à imprensa, anti-intelectualismo, incapacidade de diálogo entre opostos, rejeição do princípio de democracia agonística, maniqueísmo dualista. Propostas de moldar a democracia, recriá-la apenas à seita.
<i>Nacionalismo</i>	Se o fascismo pudesse ser definido em apenas uma ideia, esta seria o mito da nação. A ideia de nação tem a mesma importância para o fascismo que a ideia de liberdade ou igualdade, respectivamente, para o liberalismo e socialismo.	Do mito da nação decorrem características secundárias: a figura do Messias, o único capaz de retomar a glória perdida; o belicismo e a desumanização de grupos minoritários, em particular estrangeiros ou estrangeiros “internos”, isto é, grupos que fazem parte da região, mas não são assimilados pela cultura hegemônica. Primazia da seita e da nação sobre grupos estrangeiros ou inimigos internos, ao mesmo tempo um paradoxal sentimento de que este grupo é vítima. Anticosmopolitismo, antiliberalismo e antisocialismo. Formação de largos grupos homogêneos motivados por paixões tribais que, como uma célula cancerígena, ameaçam uma absorção

<sup>29</sup> ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**: totalitarismo, o paroxismo do poder. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1978. p. 141.

		forçada ou uma eliminação de indivíduos que não estejam na seita.
<i>Outros</i>	Um dos pontos essenciais do fascismo, e sua principal diferença em relação ao autoritarismo tradicional, é a sua necessidade de uma base de massas.	Antielitismo, base de massas, apoio de setores sociais heterogêneos e amplos. Estética baseada nas emoções, massificação do indivíduo. Machismo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essas são apenas algumas das características mais presentes e identificáveis do que se compreende por fascismo em grande parte de suas manifestações, baseado principalmente na interpretação de Paxton. Não descartando que, como o fascismo devore idiossincrasias conforme se espalha, há características particulares que seriam impossíveis de ser totalmente cobertas em um artigo. Da mesma forma, importante lembrar, esses conceitos existem de forma independente e sua manifestação, mesmo quando mais de um ocorre em consonância, não implica que há, de fato, um fascismo. Entretanto, quanto mais características e conceitos desta tabela se apresentam, maiores as chances de se tratar de um fascismo.

Embora, como Hobsbawm<sup>30</sup> sugere, não seja simples encontrar uma definição para o entendimento do que é uma nação (tampouco do que é nacionalismo), entende-se nacionalismo como uma identificação e dedicação abstrata com o que Benedict Anderson<sup>31</sup> chamou de “comunidades imaginadas”. Ainda que identificação comunitária seja um fenômeno milenar, há, no posterior à Revolução Francesa, a formação do que pode ser entendido como nação moderna. Para efeito de exemplo, o Dicionário da Real Academia Espanhola, até 1884, classificava *nación* como “o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino”, ao passo que, a partir dessa data, passou a determiná-la como “um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum” e “o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo”<sup>32</sup>.

Sendo o Estado-nação um fenômeno relativamente moderno, por conseguinte também o nacionalismo o é. Nesse sentido, é igualmente claro que o século XX marca o paroxismo do nacionalismo, como motor para diversas guerras, a destacar as duas mundiais. Entretanto, o

<sup>30</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 18-19.

<sup>31</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Ciudad del Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

<sup>32</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 27.

fascismo se difere do simples nacionalismo autoritário, como o próprio Hobsbawm<sup>33</sup> lembra. Em primeira instância a maior diferença é a base de massas, uma expressão que é potencializada exponencialmente com a popularização do rádio no início do século XX — e que, talvez possível pensar, um paralelo histórico semelhante com o que acontece no contemporâneo com novas ferramentas digitais de disseminação — que permite, pela primeira vez na História, atingir simultaneamente milhares de pessoas sem a presença física, se tornando eficaz ferramenta de propaganda<sup>34</sup>. Entretanto, seria simplista limitar a diferença apenas à base de massas. Assim, como se discutirá a seguir, o reacionarismo — e sua correta classificação distinta de seu irmão, o conservadorismo — é também crucial.

Mussolini<sup>35</sup> afirmava que “Nosso ideal é a nação. Nosso ideal é a grandeza da nação, e a isso subordinamos todo o resto”. O mito da nação é o pilar, os demais conceitos decorrem dele. O reacionarismo é consequência do desejo de tornar a nação grande novamente, e o autoritarismo e a base de massas como método para tal. Em grande parte, isso explica porque o fascismo não poderia ter surgido antes do século XX: não apenas porque o nacionalismo, como mostra Hobsbawm<sup>36</sup>, é um fenômeno que se intensifica com a Revolução Francesa, mas, tanto mais, pela necessidade de uma base de massas que buscasse uma alternativa ao liberalismo e ao socialismo.

Umberto Eco<sup>37</sup> lembra que o fascismo forma uma seita dentro da nação, a qual a única característica excepcional dos indivíduos seria a mais comum de todas: ter nascido naquela região. Como diz Paxton: “Os fascistas odiavam os liberais tanto quanto odiavam os socialistas, mas por razões diferentes. Para eles, a esquerda socialista e internacionalista era o inimigo, e os liberais eram os cúmplices do inimigo”<sup>38</sup>.

O surgimento do que se convencionou chamar de versão moderna do conservadorismo e do reacionarismo remonta à mesma origem: uma reação intelectual à Revolução Francesa. Burke<sup>39</sup> opõe a Revolução Francesa à Revolução Estadunidense e à Revolução Gloriosa, afirmando que, em oposição às duas últimas, a primeira desrespeitou as tradições do povo francês e propôs abandonar instituições coletivas seculares em função de uma noção inócua

<sup>33</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 172.

<sup>34</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 190.

<sup>35</sup> MUSSOLINI, Benito. **Mussolini as revealed in his political speeches**. 2020. Disponível em: [https://www.gutenberg.org/files/62754/62754-h/62754-h.htm#Page\\_xxi](https://www.gutenberg.org/files/62754/62754-h/62754-h.htm#Page_xxi). Acesso em: 16 set. 2021.

<sup>36</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>37</sup> ECO, Umberto. **O Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 51.

<sup>38</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 43-44.

<sup>39</sup> BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. p. 69.

de liberdade. Ressalta que o antigo regime francês era nitidamente imperfeito, mas, ainda assim, havia ordem e moral, ponto que afirma ser essencial para a verdadeira liberdade: “Há dez anos, teria eu podido, em sã consciência, felicitar a França por possuir um governo (pois ela tinha um) [...] Posso hoje felicitar esta nação pela sua liberdade?”. Burke entende que liberdade, embora seja uma ideia válida e importante, em si só é insuficiente. Nesse sentido se afasta de Locke<sup>40</sup>, pois compreende que a ordem e a moral são mais importantes do que a abstração de liberdade; e de Rousseau<sup>41</sup>, pois entende que a religião é também parte essencial de um governo. Burke<sup>42</sup> elenca alguns bens que considera essenciais para a harmonia e prosperidade, tão importantes quanto a liberdade: o governo, o poder público, a disciplina e obediência dos exércitos, o recolhimento e boa distribuição dos impostos, a moralidade e a religião, a propriedade, a paz e a ordem, os costumes públicos e privados. O sacrifício de qualquer um desses pontos estruturais tornaria impossível atingir a verdadeira liberdade — a qual seria adquirida como a herança institucional, o legado geracional —, restando uma abstração irrelevante.

Nos preceitos básicos de Edmund Burke<sup>43</sup>, o conservadorismo é um sistema político estruturado presentista, isto é, que valoriza o presente em detrimento ao passado ou futuro. Para Burke<sup>44</sup>, as sociedades humanas e suas instituições são produtos geracionais construídos através de um processo secular, processo este que não deve ser descartado por uma ruptura, muito menos se baseada em abstracionismos. Da mesma forma que é possível pensar na origem do conservadorismo moderno com Burke, é possível pensar em Joseph de Maistre como o principal pensador do reacionarismo moderno. De Maistre<sup>45</sup>, diferente de Burke, almejava uma volta a um passado idealizado. Para ele, o futuro residia neste passado, sendo imprescindível o seu retorno. O presente era tomado por uma crise de valores morais e por homens fracos, autodestrutivos, distantes do divino. Importante lembrar que o reacionarismo surge, portanto, como uma reação à Revolução Francesa e, em escopo mais amplo, ao Iluminismo. O movimento contemporâneo que se autodenomina neoreacionarismo, não sem motivo, também se autointitula *Dark Enlightenment*.

---

<sup>40</sup> LOCKE, John. **Two treatises of civil government**. London: Everyman's Library, 1966. p. 117-118.

<sup>41</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

<sup>42</sup> BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. p. 68.

<sup>43</sup> BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

<sup>44</sup> BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. p. 67-68.

<sup>45</sup> MAISTRE, Joseph de. **Considerations on France**. London: McGill-Queen's University Press, 1974.

O reacionarismo interpreta mudança como sinônimo de degenerescência e distanciamento do homem de Deus, aquele que mantém uma “corrente que nos contém sem nos escravizar” defende Maistre<sup>46</sup> na abertura de seu livro em referência crítica à frase de Rousseau<sup>47</sup> de que “o homem nasceu livre em toda parte é posto a ferros.” O retorno para esta ligação divina seria, portanto, essencial para o desenvolvimento das potencialidades humanas, decorrendo, a partir daí, a necessidade do retorno ao direito divino dos reis. Mais do que apenas a ligação divina, porém, o catolicismo como absoluto, já que Maistre<sup>48</sup> entendia o protestantismo como a origem da destruição moderna, que supostamente teria aumentado a distância entre homem e Deus gerando, por consequência, as revoluções, uma punição divina. Maistre ignora, no processo, diversas complexidades da Revolução Francesa, a impondo uma camisa de força com sua interpretação de que apenas com a restauração da corrente que liga o homem a Deus seria possível restabelecer a ordem. Apesar de classificar a Revolução como “radicalmente ruim” e atribuir exageradamente 3 milhões de mortes a sua responsabilidade, Maistre<sup>49</sup> a enxergava como um método para restaurar a glória da monarquia em seu caráter absolutista, um “prelúdio da profetizada ressurreição da monarquia”. O reacionarismo de Maistre propõe um retorno ao que Scruton<sup>50</sup> classifica como conservadorismo pré-moderno, pautado na absolutização da religião e da monarquia, sem espaço às mudanças graduais caras a Burke.

Apesar de ser confundido com conservadorismo ou mesmo com “ultraconservadorismo”, o fascismo, por essência, não pode ser conservador. De fato, conservadores alemães e italianos estiveram entre os principais grupos de apoio, mas, conforme Paxton<sup>51</sup>, o que houve foi mais uma associação desconfortável do que uma ligação orgânica. Embora Mussolini<sup>52</sup> procure se afastar de Maistre em sua doutrina, o fascismo é reacionário em sua essência mais básica. Não há fascismo que não possua em seu âmago o desejo e o discurso de retorno a uma terra prometida mítica, em um passado idealizado. Daí decorre ser um reacionarismo.

---

<sup>46</sup> MAISTRE, Joseph de. **Considerations on France**. London: McGill-Queen’s University Press, 1974. p. 23. Tradução nossa.

<sup>47</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 23.

<sup>48</sup> MAISTRE, Joseph de. **Considerations on France**. London: McGill-Queen’s University Press, 1974. p. 57.

<sup>49</sup> MAISTRE, Joseph de. **Considerations on France**. London: McGill-Queen’s University Press, 1974. p. 07, 12, 57. Tradução nossa.

<sup>50</sup> SCRUTON, Roger. **Conservadorismo: um convite à grande tradição**. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 10.

<sup>51</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 213.

<sup>52</sup> MUSSOLINI, Benito. **My autobiography**: with “The political and social doctrine of Fascism”. New York: Dover Publications, 2006. p. 248.

Conforme discutido, outro ponto fundamental do fascismo é o seu autoritarismo. Apesar de surgir no seio da democracia, de contar com o apoio de diversos setores sociais e uma base de massas, entretanto, o fascismo é antidemocrático em sua essência. Ele fere os princípios do que Chantal Mouffe<sup>53</sup> chamou de “democracia agonística”, isto é, um ambiente político que percebe os indivíduos em permanente conflito. É justamente este conflito, esta luta permanente, que faz a roda democrática girar. Como Umberto Eco<sup>54</sup> lembra, o consenso só pode existir no fascismo, autoritarismo ou totalitarismo. O dissenso é, portanto, peça fundamental à democracia:

“No campo da política, isto pressupõe que o “outro” não seja visto como um inimigo a ser destruído, mas como um “adversário”, isto é, alguém com cujas idéias iremos lutar, mas cujo direito de defender tais idéias não vamos questionar. Esta categoria de adversário não elimina o antagonismo, embora deva ser distinguida da noção liberal de competidor com a qual é às vezes identificada. Um adversário é um inimigo legítimo, um inimigo com quem temos em comum uma adesão partilhada aos princípios ético-políticos da democracia. Mas nossa divergência diz a respeito ao seu significado e implantação, e não é algo que poderia ser resolvido através de deliberação e discussão racional; daí o elemento antagonístico na relação. Aceitar a posição do adversário é experimentar uma mudança radical na identidade política. Isso tem mais a qualidade de uma conversão do que de uma persuasão racional (no mesmo sentido do argumento de Thomas Kuhn sobre a adesão a um novo paradigma científico como um tipo de conversão). Na verdade, acordos são possíveis. Eles são parte de um processo da política, mas deveriam ser vistos como reveses temporários numa confrontação em curso.”<sup>55</sup>

Embora livros contemporâneos sobre a crise da democracia tratem como novidade o processo de esvaziamento da democracia pela própria democracia, tanto Mussolini quanto Hitler se utilizaram desse processo e, pertinente ressaltar, chegaram ao poder por vias democráticas, apenas dando golpes e instaurando autoritarismos explícitos posteriormente. O fascismo propõe, em geral, a criação de uma “nova democracia”, ou uma “democracia iliberal”, isto é, retirar a democracia de seu formato liberal e estendê-la apenas à seita fascista; tanto Hitler quanto Mussolini afirmavam que a democracia, refém de elites conservadoras e liberais corruptas e apáticas, era, na prática, inexistente. Entretanto, o fascismo nega princípios mais básicos da democracia: tolerância mútua pelo consenso sobreposto, aquilo que Chantal Mouffe<sup>56</sup> chamou de democracia agonística. Historicamente, conforme o último estágio

<sup>53</sup> MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, n.03, 2003. p. 19.

<sup>54</sup> ECO, Umberto. **O Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 49.

<sup>55</sup> MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, n.03, 2003. p. 07.

<sup>56</sup> MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, n.03, 2003.

apontado por Paxton<sup>57</sup>, o fascismo pode ou se tornar menos autoritário ou se radicalizar, embora não abandone, em maior ou menor grau, o autoritarismo.

Como lembra Madeleine Albright<sup>58</sup>, no fascismo o poder não é imposto de cima para baixo, mas de forma circular, perpassando todos os setores e classes sociais, da burguesia ao proletário, do lúmpemproletário ao grande proprietário de terras. Entretanto, embora angarie apoio de uma parcela da elite, o fascismo se coloca — ao menos no plano discursivo — contra essa elite e se propõe a criar uma nova elite. Seguindo a corrente dos teóricos das elites, como Vilfredo Pareto<sup>59</sup>, o fascismo promove, portanto, a circulação de elites. Entretanto, ainda que promova essa circulação, atacando o que enxerga como uma elite degenerada e alçando aventureiros à formação de uma nova elite, o fascismo não deixa de ser, em si, elitista. Certamente não elitista em um sentido de aristocracia, mas por implicar uma estrutura fortemente hierárquica, na qual a grande base consiste de uma massa vista como incapaz e não mais do que ferramenta. Conforme Paxton<sup>60</sup>, “Os fascismos procuram em cada cultura nacional os temas mais capazes de mobilizar um movimento de massas de regeneração, unificação e pureza, dirigido contra o individualismo e constitucionalismo liberais e contra a luta de classes da esquerda”.

Como foi apontado na tabela, uma das características mais notáveis do fascismo é o processo de desumanização que aplica a inimigos objetivos, isto é, grupos arbitrariamente pré-determinados. O fascismo forma uma seita unida em torno do carisma do líder, a quem, embora seja o mais medíocre dos homens, recai a figura de Messias. Assim, é uma ferramenta política que absorve ressentimentos melancólicos dos indivíduos na formação de uma grande massa de suporte a este Messias. Em outras palavras: o fascismo é a antítese da definição racional de política como proposta por Anthony Downs<sup>61</sup>, ele é assumidamente, como o próprio Mussolini fazia questão de deixar claro, pautado nas emoções mais primitivas do homem. A política da mediocridade, cujo ponto mais básico pode ser entendido por seu maniqueísmo.

---

<sup>57</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. *The Journal of Modern History*. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>.

<sup>58</sup> ALBRIGHT, Madeleine. *Fascismo: um alerta*. São Paulo: Planeta, 2018. p. 17.

<sup>59</sup> PARETO, Vilfredo. *Manual of political economy*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 64.

<sup>60</sup> PAXTON, Robert. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 76.

<sup>61</sup> DOWNS, Anthony. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 46-49.

Não há democracia agonística que seja concomitante ao fascismo simplesmente porque o fascismo não tolera a existência de consensos sobrepostos. Isto é, não há concordância com as regras do jogo democrático, para utilizar a metáfora de Bobbio<sup>62</sup>. Ele se utiliza da democracia para, como um parasita, eliminá-la lentamente por dentro, depenando uma galinha pena por pena, como dizia Mussolini<sup>63</sup>. E, ao final, cospe uma versão distorcida, às vezes até com certas aparências como a própria Alemanha, por exemplo, que manteve intacta a Constituição de Weimar<sup>64</sup>. Se a democracia agonística depende do respeito pelo consenso sobreposto, pela própria existência da democracia, então de fato o fascismo jamais poderá ser democrático. Sua desumanização do inimigo objetivo é, mais do que antagonismo, puro maniqueísmo. Para o fascismo, não há vida fora do seio de sua seita, fora do abraço do Messias, e todo o resto deve ser apenas aniquilado.

Nesse sentido, é interessante refletir sobre a perspectiva dos estágios do fascismo que Robert Paxton elabora. Paxton<sup>65</sup> classifica o fascismo, originalmente em um artigo — e depois em *Anatomia do fascismo* —, em cinco estágios que vão da sua criação inicial à radicalização ou entropia. A maioria dos movimentos que podem ser identificados como fascismos não vão além do primeiro ou, se muito, segundo estágio. O próprio Fascismo, como lembra Paxton<sup>66</sup>, teria possivelmente morrido após a derrota que sofreu nas eleições de 1919, não fossem novas iniciativas nacionalistas e antissocialistas nos dois anos seguintes de o reviverem. É pertinente lembrar que a campanha nacionalista de Fiume<sup>67</sup> de D'Annunzio, apontado por Paxton<sup>68</sup> como uma espécie de fascismo antes do Fascismo, morreu justamente em seus primeiros estágios, incapaz de angariar uma base de massas heterogênea para além de alguns setores, tais como veteranos. Igualmente, o fracasso no Putsch da Cervejaria de Hitler por pouco não encerrou o Nazismo em sua primeira fase.

O que torna, portanto, o Fascismo e o Nazismo distinto de tantos outros movimentos semelhantes que não conseguiram se consolidar? Uma hipótese para essa pergunta talvez

---

<sup>62</sup> BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 19.

<sup>63</sup> ALBRIGHT, Madeleine. **Fascismo**: um alerta. São Paulo: Planeta, 2018. p. 124.

<sup>64</sup> ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**: totalitarismo, o paroxismo do poder. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1978. p. 141.

<sup>65</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>.

<sup>66</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>. p. 15.

<sup>67</sup> Cidade fronteiriça entre Itália e, à época, Iugoslávia.

<sup>68</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 107.



possa ser encontrada em Max Weber e Wilhelm Reich<sup>69</sup>. Tanto Mussolini quanto Hitler se apropriaram de uma condição de profeta exemplar, de identificação direta com o homem médio, medíocre, frustrado. Prosseguindo os debates de Paxton, talvez seja pertinente assumir que o messianismo sobre o profeta exemplar seja, se não o principal, ao menos um fator chave para que um movimento avance para os estágios seguintes. Afinal, é onde decorre a importância da interpretação psicanalítica de Reich em diálogo com Weber, a necessidade de identificação das camadas sociais com um homem médio que expresse organicamente seus mesmos preconceitos, medos, ansiedades e ressentimentos.

Em uma perspectiva mais institucional, é igualmente inevitável interpretar que salvaguardas institucionais, bem como as ações do poder público em frear discursos de ódio quando despontam, atuam para impedir o avanço para os próximos ciclos. Se for possível rotular a *Alternative für Deutschland* de fascista, por exemplo, é factível imaginar que sua ascensão na Alemanha tem sido parcialmente controlada — apesar de ter tido quase 13% do *Bundestag* (Câmara alemã) nas eleições de 2017 — por fatores como a ausência de um Messias e a resiliência democrática alemã. De fato, quanto mais sólida uma democracia for, mais o fascismo parece contido, ainda que esse controle nunca seja ilimitado, pois o fascismo é um fenômeno inerente às democracias de massa. Entretanto, como Paxton<sup>70</sup> recorda, o sentimento de “uma crise catastrófica, além do alcance de qualquer das soluções tradicionais” pode rapidamente acelerar esses movimentos e fazê-los galgar estágios. Importante notar que Paxton emprega o vocábulo “sentimento”; isto é, não é necessário que a crise seja sequer real, apenas que aparente ser. Paxton fala sobre outro ponto essencial: a disposição das elites, em especial conservadoras, de cooperar com o fascismo. É preciso que ele seja abraçado, tolerado, visto como uma escolha muito difícil em oposição à esquerda. Como recorda, o fascismo historicamente sempre ascendeu ao poder através da própria democracia. Tanto Hitler quanto Mussolini foram convidados a chefiar o governo pelo chefe de Estado na época, na tentativa de as elites conservadoras capitalizarem aquele movimento de massas para seu próprio ganho, na esperança de absorvê-los:

‘No terceiro estágio, a chegada ao poder, a comparação se torna mais delicada. Que características distinguem a Alemanha e a Itália, onde o fascismo tomou o poder, de países como a França e a Grã-Bretanha, onde os movimentos fascistas eram altamente visíveis, mas permaneceram marginais? [...] O poder fascista por golpe é dificilmente concebível em um estado moderno [...] O único caminho para o poder

<sup>69</sup> REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>70</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 78.

disponível para os fascistas passa pela cooperação com as elites conservadoras. As variáveis mais importantes, portanto, são a disposição das elites conservadoras de trabalhar com os fascistas (junto com uma flexibilidade recíproca por parte dos líderes fascistas) e a profundidade da crise que os induz a cooperar [...] Na França, se o fascismo não chegou ao poder antes da derrota de 1940, a explicação não é misteriosa. O fascismo inicial prosperou na França, mas a maioria dos conservadores não se sentiu suficientemente ameaçada na década de 1930 para pedir sua ajuda, e o fascismo não estava suficientemente enraizado e forte para se impor como alternativa. O fascismo britânico teve pouco espaço disponível porque o Partido Conservador conseguiu governar consensualmente de 1931 a 1945. A ditadura militar de Franco impediu o fascismo espanhol, e Salazar esmagou o fascismo português depois de copiar algumas de suas técnicas de mobilização popular.”<sup>71</sup>

O quarto estágio de Paxton<sup>72</sup> é o próprio exercício do poder, estágio no qual as múltiplas facções heterogêneas internas começam a se digladiar entre si na tentativa de sobrepujar umas as outras. Simultaneamente, as elites conservadoras tradicionais começam a tencionar o movimento, que precisa manter a sua base ativa e inflamada em estado quase permanente. Caminha-se, por fim, para o último estágio: entropia ou radicalização. De acordo com o pesquisador estadunidense, o principal ator acerca de qual dos dois caminhos o fascismo irá seguir são as elites conservadoras e tradicionais. Caso elas consigam se sobressair, o fascismo tende a ser “amenizado” e transformado em um autoritarismo nacionalista tradicional. O próprio Fascismo, inclusive, é um fidedigno exemplo dessa ocorrência. Por outro lado, caso o Messias e o partido consigam dominar essa elite, o inverso ocorre. O Nazismo talvez não seja apenas o melhor exemplo, mas o único. Paxton<sup>73</sup> que, dada a necessidade de movimentar emoções *ad infinitum* e sua ânsia por poder, talvez o fascismo seja insustentável em longo prazo e caminhe, de uma forma ou de outra, ou à normalização ou à autodestruição<sup>74</sup>.

Após toda a discussão deste artigo, vem a propósito, para encerrá-lo, trazer a questão: é possível que o fascismo reapareça nos dias de hoje? O fascismo, como nacionalismo de

<sup>71</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>, p. 17. Tradução nossa.

<sup>72</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>, p. 18.

<sup>73</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 281.

<sup>74</sup> Eco (2018, p. 52) corrobora esse ponto, ao criar o que chama de “complexo de Armagedom”. Isto é: dado que os fascismos vivem da guerra, possuem fetiche bélico e projetam inimigos permanentes que devem ser eliminados a qualquer custo — em última instância, isso se torna insustentável. Em um cenário em que um fascismo se torne forte a ponto de eliminar completamente todos os seus inimigos objetivos, ele precisará caminhar à entropia ao suavizar a sua paixão pela violência; porém, como ele vive em guerra permanente, esse universo onírico sonhado pelo Messias, sem os inimigos objetivos, acaba por ser contraditório ao belicismo infinito.

massas, reacionário e autoritário, não apenas pode aparecer, como, conforme dito anteriormente, é uma forma de política sempre presente no contemporâneo. A grande diferença, porém, que impede que se veja novos Hitler ou Mussolini surgindo todos os dias, é que, no geral, ele não é alimentado em suas primeiras fases e não consegue avançar para além da irrelevância de meia dúzia. Mas, e isso era algo que George Orwell<sup>75</sup> já havia percebido na década de 30, os fascistas contemporâneos dificilmente se assumiriam como tal. Em certo sentido, é apropriado pensar que justamente a memória histórica do fascismo, em suas primeiras manifestações, aliada às representações distorcidas da indústria cultural do fascista como um monstro, que atrapalha a sua identificação

Os casos mais interessantes hoje, entretanto, não são aqueles que imitam os movimentos exóticos de camisetas coloridas de uma geração anterior. Novos equivalentes funcionais do fascismo provavelmente funcionariam melhor, como George Orwell nos lembrou, vestidos com as roupas patrióticas convencionais de seu próprio lugar e tempo. Um fascismo autenticamente popular nos Estados Unidos seria racista; na Europa Ocidental, secular e antisemita, ou mais provavelmente, hoje em dia, anti-islâmica; na Rússia e na Europa Oriental, religioso, anti-semite e eslavófilo. É mais sensato prestar atenção às funções cumpridas por novos movimentos de tipo análogo, às circunstâncias que poderiam abrir um espaço para eles e aos potenciais aliados da elite conservadora prontos para tentar cooptá-los. [...] As perguntas certas a fazer dos neo ou profascismos de hoje são aquelas apropriadas para o segundo e terceiro estágios do ciclo fascista. Eles estão se enraizando como partidos que representam interesses e sentimentos importantes e exercem grande influência na cena política? [...] Uma rápida mobilização política está ameaçando escapar do controle das elites tradicionais, a ponto de elas se sentirem tentadas a procurar ajudantes autoritários para permanecer no poder? É respondendo a esses tipos de perguntas, com base em uma compreensão histórica adequada dos processos em funcionamento nos fascismos do passado, e não verificando a cor das camisas [...] que podemos ser capazes de reconhecer os equivalentes funcionais do fascismo de nossos dias.<sup>76</sup>

A tabela a seguir sintetiza e ilustra essas etapas. É preciso antes, porém, ressaltar um ponto: ainda que os estágios propostos por Paxton pareçam, em larga medida, refletir a realidade, eles não necessariamente ocorrem em ordem. O Fascismo, por exemplo, vivenciou todos, incluindo entropia e radicalização.

---

<sup>75</sup> ORWELL, George. **O que é Fascismo?** E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 88.

<sup>76</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>. p. 23.

Tabela 3 – Os cinco estágios do fascismo

<i>Etapa</i>	<i>Descrição</i>	<i>Como chega nesse estágio?</i>	<i>Principais características</i>	<i>Exemplos</i>
<i>1- Criação</i>	O protofascismo e suas primeiras movimentações, como doppelgänger da democracia liberal, surgem como uma reação a democracias entendidas como falhas, do sentimento de antipolítica. Paxton <sup>77</sup> entende o primeiro gás do movimento fascista como fruto da desilusão.	Quando há uma sensação de fracasso democrático capaz de dar o início a uma busca nostálgica por um passado idealizado. Ademais, é preciso culpar um grupo demonizado por esse fracasso.	Crise (política, econômica, social, moral), ressentimento, nostalgia, antipolítica (tratar toda a política como igual e irrelevante), formação dos primeiros inimigos objetivos emasculinização.	Campanha por Fiume de D'Annunzio.
<i>2- Enraizamento</i>	O fascismo é um fenômeno limitado a Itália de 1920 a 1940, dada as idiossincrasias desse período. No máximo, manifestações futuras podem ser denominadas pós-fascistas ou etnonacionalistas.	O movimento passa a influenciar nas decisões políticas. Ainda que não chegue ao Executivo, pode obter parcelas consideráveis do Legislativo.	Retórica antiesquerda, retórica anticosmopolita, desumanização dos inimigos objetivos e crescimento da base de massas.	Alternative für Deutschland, camisas-verdes da França.
<i>3- Chegada ao poder</i>	O ponto de inflexão do fascismo: tudo depende do quão dispostas as elites conservadoras estarão em conceder espaço e fazer concessões. Nunca, até hoje, o fascismo	Se as elites conservadoras estiverem dispostas a dar um voto de confiança (literal ou figurado) ao movimento, passam a enxergá-lo o como uma alternativa melhor do que a esquerda ou centro-esquerda.	Messianismo, intensificação da base de massas.	Falangismo (no início do Franquismo, logo absorvido e diminuído), Integralismo brasileiro.

<sup>77</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. *The Journal of Modern History*. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>. p. 12.

	chegou ao poder por um golpe de Estado <sup>78</sup> .			
4- <i>Exercício do poder</i>	Tendo ascendido graças aos conservadores, o fascismo é forçado a governar junto deles. Daí, abrem-se dois caminhos: se os conservadores prevalecerem, tende-se à entropia. Se os fascistas forem mais fortes, tende-se à radicalização.	Através de eleições democráticas ou com o Messias convidado pelo chefe de governo.	Autoritarismo, cerceamento do espaço cívico, erosão democrática e ataques aos demais poderes, belicismo e militarização.	Bolsonarismo
5a- <i>Entropia</i>	O fascismo involui para um autoritarismo tradicional, mobilizando a sua base de massas apenas em situações específicas (ex.: as campanhas imperialistas de Mussolini <sup>79</sup> ).	As elites conservadoras prevalecem sobre os fascistas.	Transformação gradual em um autoritarismo tradicional.	Fascismo (Mussolini).
5b- <i>Radicalização</i>	O fascismo assume forma totalitária: a liberdade do Messias passa a ser praticamente ilimitada e não há pensamento fora da seita <sup>80</sup> .	Os fascistas prevalecem sobre os conservadores.	O fascismo se totalitariza: emprega políticas abertas de segregação, passa a perseguir os inimigos demonizados de forma intensa e implacável. Em seguida, aniquila qualquer pretensão de livre-pensamento.	Nazismo.

<sup>78</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>. p. 16.

<sup>79</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>. p. 20.

---

Paxton<sup>81</sup> sugere que a radicalização é impossível de se manter; por isso, em algum momento, acaba por se autodestruir.

---

**Fonte:** Elaborado pelo autor, baseado em Paxton.

### Considerações finais

Conforme ressaltado em mais de uma passagem deste trabalho, há ampla cobertura sobre fascismo desde o seu surgimento, mais de cem anos atrás. Discussões e correntes interpretativas que se estendem por campos distintos do saber, bem como ligados a ideologias políticas específicas. Na impossibilidade de tratar todos em um artigo, este trabalho se propôs a colocar em contato e debater duas destas correntes que não apenas não são excludentes, como mesmo dialogam e se relacionam entre si: a psicanalítica e a elástica/estapista de Robert Paxton.

Ante a visão de Paxton do fascismo como um fenômeno inerente às democracias de massa, portanto não tendo desaparecido com a morte de Adolf Hitler, privilegiou-se sua análise de que movimentos fascistas, independente da forma que tomem, obedeceriam uma lógica pautada em cinco estágios. Os estágios, aliados com sua visão do fascismo como junção de três outros conceitos políticos, permitem compreender o fenômeno em suas potencialidades, sem alargá-lo ou limitá-lo em excesso.

### Referências Bibliográficas

ALBRIGHT, Madeleine. **Fascismo**: um alerta. São Paulo: Planeta, 2018.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Ciudad del Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**: totalitarismo, o paroxismo do poder. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1978.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jesuralem**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

---

<sup>80</sup> PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>, p. 20.

<sup>81</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 281.

- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- BRAY, Mark. **Antifa**: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- ECO, Umberto. **O Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GASSET, José Ortega y. **A rebelião das massas**. São Paulo: Linográfica Editôra LTDA., 1962.
- GEISELBERGER, Heinrich (org.). **A grande regressão**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Fausto**. Tradução de Agostinho D’Ornellas. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- GRIFFIN, Roger. **The nature of Fascism**. Abingdon: Routledge, 2015.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LOCKE, John. **Two treatises of civil government**. London: Everyman's Library, 1966.
- MAISTRE, Joseph de. **Considerations on France**. London: McGill-Queen’s University Press, 1974.
- MANN, Michael. **Fascistas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, n.03, 2003.
- MUSSOLINI, Benito. **My autobiography**: with “The political and social doctrine of Fascism”. New York: Dover Publications, 2006.
- MUSSOLINI, Benito. **Mussolini as revealed in his political speeches**. 2020. Disponível em: [https://www.gutenberg.org/files/62754/62754-h/62754-h.htm#Page\\_xxi](https://www.gutenberg.org/files/62754/62754-h/62754-h.htm#Page_xxi). Acesso em: 16 set. 2021.
- ORWELL, George. **O que é Fascismo?** E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- PACHUKANIS, Evguiéni. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- PARETO, Vilfredo. **Manual of political economy**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- PAXTON, Robert. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIEMEN, Rob. **O eterno retorno do Fascismo**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SCHARGEL, Sergio. O duplo como mito, o duplo como ficção: um debate acerca das construções da figura do doppelgänger. **Revista Decifrar**, v. 8, n. 15.

SCRUTON, Roger. **Conservadorismo: um convite à grande tradição**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2015.